

STARCRRAFT

NO SANGUE

Matt Burns



BILZARD
ENTERTAINMENT

BIP.

BIP.

BIIIIIIIIIIIIIIIP.

O verme do porto acordou suando frio, como de costume. O transponder implantado em seu pulso dava o alarme agudo em intervalos de cinco segundos. Ivan, o chefe, estava chamando. Tinha chegado carga nova.

O instinto tomou conta, enviando ordens ao corpo do verme. Duas glândulas suprarrenais encheram suas veias com a versão natural da injeção de esteroides. Os pulmões se encheram. O coração bateu mais forte. Células sanguíneas ricas em oxigênio atravessaram o tecido muscular enquanto ele iniciava os rituais do despertar.

O verme saiu do assento de piloto embolorado onde dormia e meteu um macacão sujo reforçado com uma camada finíssima de novoaço — proteção contra facadas. Luzes fracas piscavam no alto, iluminando o lar do verme: a nacele de um levitraz em pedaços. Ele vasculhou as peças eletrônicas espalhadas pelo assoalho, tentando encontrar um pacote de ração de emergência. Nada feito.

O impulso de sair, de obedecer ao chamado de Ivan, era forte, mas o ritual ainda não tinha terminado. Ele foi até o painel de controle corroído do levitraz e enfiou a mão em um compartimento. A mão emergiu da escuridão segurando um par de asas douradas de piloto presas a um cordão de borracha. O verme passou o cordão pela cabeça e o metal bateu contra seu peito, frio e forte e reconfortante.

Lentamente, ele disse o próprio nome: — Vik. — Era fácil de esquecer às vezes, quando os dias se mesclavam em um só borrão de experiências de quase morte. — Eu não sou como *eles*... Eu sou Vik.

O verme do porto de nome Vik saiu do levitraz, fechando a porta atrás de si com magtravas. Ele se deu alguns instantes para se aclimatar ao ambiente e seus órgãos sensoriais receberam os estímulos de um novo dia. Uma fumaça cinzenta pairava espessa no céu, estendendo-se até onde a vista alcançava. Raios de sol baixos se espalhavam entre os cascos retorcidos de naves, as vigas de metal e outros destroços abandonados que formavam as artérias do Porto do Enforcado. *Lar, doce lar.*

A cidade-lixão zumbia com os ruídos do dia, um som que lembrava insetos e emprestava uma aparência de vitalidade a um local preso em decadência perpétua. Em algum lugar, contrabandistas carregavam cem quilos de hab batizados com solvente industrial em caixotes de embarque destinados aos moleques ricos de Turaxis II. Em algum lugar, refugiados que acreditavam ter ganhado passagem para o paraíso desembarcavam do transporte e caíam nos braços abertos de feitores de escravos.

Apenas mais um dia no porto.

Outros vermes desempenhavam suas atividades diárias, contrabandeando produtos para os chefões locais, fazendo bicos para antros de jogatina e bordéis ou roubando carga do estaleiro espacial. As peles

imundas e as roupas sujas agiam como camuflagem natural no ambiente cor de metal. As pessoas chamavam gente como Vik de muitas coisas: pivetes de rua, parasitas, sanguessugas. Ele não discordava. Abandonados e indesejados em uma cidade pisoteada pelo resto da humanidade, eles tinham se tornado animais para sobreviver.

Eu sou Vik. Não sou como eles...

Ele zanzou pelas ruas empoeiradas, caminhando sem pressa e olhando quase o tempo todo para a frente. Arriscou alguns olhares aos passantes, notando a coloração sutil do sangue adensando-se sob suas peles: marcadores biológicos naturais que sinalizavam um ataque próximo. Ele passou por cima de um cadáver cercado de nerratos sarnentos de olhos vermelhos. Parecia já ter alguns dias. Ninguém nunca era enterrado naqueles becos e vielas.

Não demorou muito para a oficina de desmanche de Ivan aparecer. A refinaria de vespeno restaurada dominava os limites do Porto do Enforcado. O verme corria, feliz por ter chegado até ali incólume, quando, ao passar por uma esquina, alguém o agarrou pelo colarinho.

Ele cerrou os punhos e se preparou para se defender, até que viu o agressor: outro verme. Assim como Vik e todos os outros membros daquela classe, o agressor vestia roupas rotas e tinha a cabeça rapada marcada por picadas recentes de insetos. Parecia perigoso. Era o único amigo de Vik.

— Atrasado de novo. Meu rabo também tá na reta, esqueceu? — disse Serj, soltando-o.

— Vai pro cacete. — Um sorriso apareceu no rosto de Vik quando ele olhou para o outro verme.

Serj era grande. Teria dado um excelente capanga na quadrilha de algum chefe criminoso, mas ele tinha inteligência, algo sempre em falta no porto. Os dois vermes se conheceram nas ruas e uniram suas inclinações para engenharia, consertos e venda de mercadorias com o objetivo de economizar créditos suficientes para dar o fora do porto. Fizeram o pacto de saírem dali do seu jeito, sem se tornarem pouco mais que animais bípedes, feito os outros vermes. Então Ivan soubera dos seus talentos e os "contratara", implantando transponders em seus braços. A oferta de emprego não era negociável. Vik e Serj tinham pensado várias vezes em fugir, mas, sem dinheiro, não havia para onde ir.

— Deixa eu ver. — Serj apontou para o peito de Vik.

— Quer ficar com elas hoje? — perguntou o verme enquanto retirava o cordão. Serj havia encontrado as asas no pescoço de um morto em um beco. Eram a única coisa que os fazia pensar no futuro nos últimos anos. Ainda assim, Vik já não se sentia tão otimista quanto já fora um dia. Sempre que os dois começavam a economizar uma boa quantidade de créditos, uma gangue de vermes os assaltava, ou a comida acabava e eles tinham que comprar mais com as economias. Sempre acontecia alguma coisa. A vida no porto acabava desgastando as pessoas até a raiz da alma. Deixava-as cansadas. Apagava os sonhos delas.

— Não. Pode ficar. Você disse as palavras hoje de manhã?

— Claro. E você?

— Fui eu quem te ensinou elas, palhaço. — Serj empurrou Vik pelo ombro. — Aliás — disse o verme maior, ao arremessar um pacote de ração de emergência para o amigo —, dava pra ouvir seu estômago roncando lá do fim da rua.

Vik deu de ombros, um pouco envergonhado, e então baixou a cabeça em agradecimento. — Não é o seu último, é?

— Come logo — foi a resposta de Serj. Vik conhecia o amigo bem o bastante para saber que era inútil discutir com ele. Nunca funcionava

Enquanto comia a mistura gelatinosa de nutrientes, ele notou as olheiras do amigo. A cada dia Serj parecia mais cansado, e Vik se perguntou até que ponto aquilo não se devia aos cuidados que lhe dispensava o amigo. Vik nunca tivera uma família — nenhum verme tinha —, mas, se o conceito de "irmão mais velho" existia ali, bom, Serj era um excelente candidato.

— Vamos logo. — Serj se dirigiu até as portas abertas da oficina. — Hoje chegou coisa grande.

A mente de Vik disparou a imaginar com que tipo de tecnologia eles trabalhariam aquele dia. A equipe de Ivan havia aperfeiçoado a arte da pirataria especializada, sequestrando transportes solitários que carregavam contrabando. Geralmente o pessoal de Ivan obtinha suprimentos médicos ou alimentos, mas de vez em quando conseguia equipamentos raros, em que Vik fazia engenharia reversa antes de o chefe vender o material para quem desse o maior lance. Bons tempos.

— E então? O que temos hoje? — perguntou Vik.

Serj virou-se de súbito. Havia algo em seus olhos... nojo... inquietação... medo.

Os instintos de Vik rugiram. *Corra.*

— Zergs.

Vik tinha ouvido falar dos zergs. Todos tinham. Eles tinham surgido fazia alguns anos no espaço terrano e causado caos, destruindo mundos e chacinando milhões de colonos. Mesmo a Confederação Terrana — o mais poderoso governo no setor Koprulu na época — se esfacelara e morrera na esteira da invasão alienígena. Os zergs eram pesadelos vivos. Eram os *inimigos* de todos os terranos.

Achava que eles seriam maiores.

Três das criaturas, mais ou menos com a metade do tamanho de Vik, jaziam no chão, no centro da oficina de desmanche. Carapaças grossas e espinhentas recobriam seus corpos segmentados apoiados em fileiras de perninhas. Mandíbulas serrilhadas se estendiam de suas cabeças, emoldurando vários olhos multifacetados e baços — quase sem vida.

Uma caixa de novoaço crivada de balas, com três metros de comprimento e dois de largura, estava perto das criaturas. Vik imaginou ser um refrigerador ou contêiner criogênico, por causa do gelo cristalizado que se prendia às bordas da caixa.

— Não parecem tão fodões. — Hutchins, um dos mercenários de Ivan, ergueu um zerg, e suas tatuagens luminescentes se contorceram enquanto seus músculos se flexionavam com o esforço. Os outros mercenários se posicionaram ao redor dos alienígenas, um ajuntamento de cartucheiras, facas, membros cibernéticos e blindagem corporal denteada.

Os vermes se aproximaram do grupo para ver melhor, passando por torres de contêineres com carga. A sala central da oficina era um espaço cavernoso e úmido iluminado por luzes fortes. Motores enferrujados pendiam de correntes ainda mais enferrujadas presas às vigas ensombreadas no alto. Nos dez anos que passara trabalhando para Ivan, Vik havia ajudado a remanufaturar e aprimorar a maior parte da oficina. Era o seu segundo lar: uma prisão que ele próprio projetara.

— Isso é do Ivan. Larga. — A voz grave de Jace era como um motor velho nas últimas. O homenzarrão sobressaía em meio aos outros trabalhadores, coçando uma cicatriz antiga que cortava seu rosto de uma orelha a outra.

— O chefe não vai achar comprador. — Hutchins sacudiu o zerg no ar. Vik esperava que o alienígena despertasse e rasgasse o homem em dois a qualquer momento. Mas a criatura permaneceu dependurada, indefesa. Que decepção. — A gente não trafica coisas vivas. Essas coisas são comida de cachorro. Tem nada de mais brincar um pouco.

— Você já brincou o bastante. — Jace bateu com a bota na caixa refrigerada crivada de balas.

Hutchins fungou. — Larga do meu pé. O cara atirou na gente, eu atirei de volta, ué. É culpa minha se ele usou o carregamento de barricada?

— Eu só tou dizendo que o Ivan já tá fulo contigo. — Jace deu de ombros.

O outro mercenário largou o zerg, e Vik se encolheu quando o alienígena tombou no piso de metal. Hutchins era um membro mais novo da equipe e já tinha se metido em encrenca antes, mas agora era diferente. Nunca desrespeite a propriedade do chefe. *Nunca, nunca, nunca.*

Mas Ivan não estava por perto. Provavelmente estava enfiado no escritório particular, fazendo contatos e procurando compradores potenciais. Ainda assim, Vik sentia-se inquieto só de ver a demonstração de desobediência.

— É melhor a gente ir embora — sussurrou Vik para Serj. O amigo não respondeu. Como os mercenários, ele tinha os olhos fitos nas criaturas.

Vik mexeu os pés e olhou ao redor. Alguma coisa se moveu nas sombras de uma passagem que dava no centro da oficina. *Ivan...* observando. Uma enorme criatura quadrúpede estava postada ao lado do chefão.

— Que tal uma apostazinha entre cavalheiros? — Hutchins sacou a pistola do cinto e apontou para um dos zergs. — Acho que minha P220 atravessa a couraça deles. Alguém a fim de apostar?

Ninguém teve tempo de responder. Ivan gesticulou na direção do mercenário, um comando silencioso que apenas Vik viu. O animal rugiu e saltou para a luz, revelando-se: era um dos canazes do chefe. O mastim malhado pulou e derrubou Hutchins, atingindo-o no peito.

— Chama ele! — gritou o mercenário, e as mandíbulas do mastim fecharam-se no seu braço. Hutchins bateu com o punho no flanco do bicho, composto de placas fibrosas ricas em ferro, mas aquilo só irritou mais a fera.

Ivan se aproximou lentamente do grupo, vestido em seu costumeiro terno preto. Ele parecia benevolente perto dos mercenários fortemente armados, exceto pelos olhos. Eram alertas e frios, cor de gelo. O chefe postou-se perto de Hutchin e do mastim enquanto eles lutavam no chão.

— Eu não fiz nada! — gritou o mercenário.

— Não é o que você fez; é o que estava pensando em fazer. Só porque um cão raivoso não morde, não significa que não está doente. É só questão de tempo até ele arrancar sangue de alguém.

— Entendi, chefe! Entendi! Chama ele!

Ivan estalou os dedos e o cão abandonou a presa.

— Cacete, chefe. — Hutchins inspecionou a marca sangrenta de mordida no braço ao se levantar.

— Você devia me agradecer, Hutch. — Ivan agarrou a P220 do mercenário do chão. — Você escapou de passar vergonha com essa aposta.

— Como assim?

— Esses zergs são uns escrotos durões. Se chamam "larvas". Na guerra, até soldados da Confederação com rifles gauss tinham trabalho pra esses bichos. A sua P220... — Ivan olhou para a arma com desdém.
— Sem chance.

O chefe de Vik aproximou lentamente a pistola do zerg. — A bala teria ricochetado assim — disse, e tocou o zerg com a arma. Então voltou a arma lentamente na direção de Hutchins e parou quando a P220 tocou no peito do mercenário. — E terminaria aqui.

Hutchins não disse nada. O chefe gostava de pegar no pé das pessoas. Brincar com elas. Vik nunca sabia quando ele estava falando sério ou fazendo piada. Numa cidade em que a sobrevivência dependia de se conseguir prever a jogada do oponente, a imprevisibilidade de Ivan o tornava um terror constante.

— Viu? — Ivan sorriu e deu uma batidinha no ombro do mercenário com a mão livre, aliviando a tensão.
— Você seria motivo de piada daqui até Moria. Mercenários de todo o setor iriam rir até ficar com a barriga doendo, falando da larva zerg que matou você.

Hutchins forçou um sorriso amarelo. — É, entendi, entendi.

— Pelo menos agora eles só vão dizer que fui eu.

O barulho de um disparo ecoou nos ouvidos de Vik quando Ivan puxou o gatilho e abriu um buraco no peito de Hutchins, mesmo com a blindagem corporal. O mercenário tombou morto sobre uma pilha de caixotes feito uma boneca de pano.

Ivan apontou para o corpo do mercenário e estalou a língua. O cão avançou e começou a mastigar Hutchins. — Rapaziada, não é difícil — disse. — Vocês trazem a mercadoria; eu vendo. E ninguém mexe no produto.

Os mercenários aquiesceram, sem olhar outra vez para Hutchins. Por que faziam aquilo? Eles ainda estavam vivos. Eles sobreviveram a mais um dia. Era tudo o que importava.

— Você encontrou um comprador, chefe? — Jace coçou a cicatriz distraído.

Ivan bateu com os nós dos dedos na caixa refrigerada. — Parece que o contrabandista de quem vocês tomaram a carga estava levando isso para um rato de laboratório chamado Branamoor. Tive que pedir alguns favores só pra conseguir essa informação.

— Comprador particular? — perguntou Jace.

— Não parece — respondeu Ivan. — Não é a primeira vez que os contrabandistas fazem entregas pra ele, ou seja, ele tem grana. Deve ser de algum governo, mas não sei qual. Talvez Umojano, mas eu apostaria minhas fichas na Supremacia. Eles sempre estão metidos até o pescoço nessas merdas. De qualquer forma, não importa. — Ivan matou algumas moscas que vojavam ao redor do cadáver de Hutchins. — O que importa é que eu consegui contatar Branamoor por um intermediário. Ele insistiu em manter a coisa toda debaixo do pano. Como é da Supremacia, a última coisa que vai querer é um relatório da UNN sobre tráfico de zergs vivos. Mas ele quer *muito* esses bichinhos... tanto que vai mandar um dos assistentes pra cá pra fazer a coleta. Chega em quatro dias.

— Quanto? — Jace fez a pergunta que estava na cabeça de todos os mercenários. Eles recebiam uma parte do que os produtos roubados lucravam no mercado negro. Carga preciosa podia significar uma pequena fortuna.

— Você vai saber quando fizermos a transação, como sempre. Ao trabalho. — Ivan virou-se para Vik e Serj e os mercenários se afastaram para inventariar outras mercadorias roubadas. — Vermes. Os compradores vão querer essa amostra de engenhosidade terrana intacta e funcionando quando vierem buscar. Eu não quero decepcioná-los.

Porque o rato de laboratório não sabe que os zergs estão fora da caixa, Vik pensou. Ele conhecia as regras do jogo: nunca mostre suas cartas. Provavelmente o comprador ainda acreditava que seu produto estava a salvo em uma caixa. Mas o verme não sabia que diferença faria, a menos que houvesse algum perigo em deixar os alienígenas soltos.

— Coloquem os zergs em uma das jaulas vazias dos cachorros — continuou Ivan. — Fiquem de olho neles enquanto consertam a caixa. Se alguma coisa acontecer, se alguém zoar com eles, me informem imediatamente.

— Certo, chefe. — Só de pensar em ficar em uma jaula junto com os zergs, Vik sentia a pele arrepiar-se.

— O comprador quer eles vivos. Entendido?

Serj saiu do transe em que estava e tirou os olhos do zerg. — Perfeitamente, chefia.

Vik assentiu freneticamente e seus olhos fitaram o canaz. A língua da fera rolava entre fileiras de presas amareladas, lambendo o sangue que empoçara perto de Hutchins. Quando Ivan se virou e assobiou, o mastim correu para o lado do mestre, deixando o resto da refeição para trás.

Bom garoto.

O canil ficava em um longo corredor nos fundos da oficina, cuja única entrada era uma porta enferrujada que levava ao âmago da instalação. O lugar era reservado para produtos velhos que o chefe não conseguira vender. Caixotes cheios de munição, granadas de fragmentação, peças sobressalentes, suprimentos médicos e itens industriais da época da Guerra das Guildas recobriam as paredes. Baias contendo aeronaves Vingança avariadas e transportadoras ocupavam todo um lado do cômodo. Vik trabalhara em todos aqueles veículos. Tinha dado um nome para cada um. Sempre gostara de máquinas. Quando engenharia porca e influências externas não atrapalhavam, elas funcionavam conforme o esperado.

Mas formas de vida... ele nunca sabia o que fariam em seguida.

Após encontrarem uma jaula vazia, os vermes levaram o refrigerador e os zergs para dentro dela. Vik concordou em cuidar dos consertos, na esperança de que se concentrar na caixa o faria ignorar os alienígenas até que tivessem ido embora. Com tempo livre, Serj recostou-se à tela aramada da jaula e meteu a cara em um console remoto, pesquisando informação sobre as larvas na hipernet. Diagramas militares ocultos e documentos secretos do governo — a maior parte lixo da época da Confederação — flutuavam por toda a rede. Sabendo onde procurar — como Serj sabia —, dava para encontrar qualquer coisa.

Perto dali, dez mastins furiosos ganiam, rilhando as presas e arremessando os corpos metálicos contra a cerca de arame da jaula. Deviam ter sentido o cheiro dos zergs. Vik suspirou e bateu na cerca da jaula, mas os cães não se calaram. Ele ouvira dizer que aqueles animais, nativos de Korhal IV, eram criaturas adoráveis e fofinhas. O melhor amigo do homem. Então a Confederação lançou um ataque nuclear ao planeta rebelde, usando mil ogivas classe Apocalipse, e desintegrou instantaneamente mais de trinta e cinco milhões de terranos. No entanto, alguns dos cães haviam sobrevivido. Deformados e irradiados, eles se espalharam pelo ermo de detritos do deserto de vidro que Korhal se tornara. Comiam tudo o que seus sistemas digestivos mutantes conseguiam processar. Eram os verdadeiros sobreviventes, embrutecidos por seu vislumbre da extinção. Ivan admirava aquilo neles.

Vik os considerava irritantes. Ele se forçou a ignorar os latidos enquanto colocava os termôculos e se curvava sobre a caixa para averiguar os danos. Sua visão se dissolveu em um mar de padrões de cor cambiantes. Feixes azuis frios colearam para fora do contêiner por oito buracos de bala. O impacto das balas também causara fraturas de fadiga invisíveis para olhos analógicos ao longo da carcaça externa do refrigerador.

A carcaça não era grande coisa, mas estava repleta de tecnologia de ponta. Havia um motor termossônico que usava ondas sonoras de alta amplitude para dissipar o calor e deixar a temperatura dos zergs em níveis congelantes. Sensores delicados repassavam a condição de cada larva para três telas pequenas presas ao topo da caixa. Uma única bateria energizava todo o equipamento. Era frágil. Pelo que Vik podia ver, tudo ali tinha sobrevivido ao tiroteio de Hutchin contra o dono original do contêiner. Ia precisar de uns reparos, e só. Coisa de alguns dias de trabalho.

Vik ligou uma tocha de plasma e começou. De vez em quando ele captava o áudio que vinha do console de Serj.

— ... larvas são a espinha dorsal do Enxame, as ferramentas necessárias para se construir um exército zerg. "Super-memória-cache biológica" é uma descrição adequada para essas criaturas. Elas contêm o DNA de toda a coletividade alienígena. É por isso que conseguem se transformar em quase qualquer subespécie zerg.

— Não admira que o rato de laboratório queira essas coisas, hein? — Serj cutucou a perna de Vik com a bota. — Toda essa informação armazenada... deve valer uma fortuna.

Vik assentiu distraidamente para agradar o amigo, esperando que uma hora ele fosse se entediar com os vídeos. Ele não se entediou.

Algumas horas mais tarde, Serj arrancou os óculos do rosto de Vik e empurrou o console na frente dele. — Você tem que ver isso. — Uma colagem de vídeos passava na tela: larvas se transformando em montes de carne pulsante. Os casulos se abriam e de dentro deles saíam os monstros que Vik via na UNN: hidraliscas, zergnídeos, mutaliscas e outras feras grotescas. Criaturas de pesadelo.

— Suseranos zergs emitem comandos psiônicos para larvas, iniciando a metamorfose — relatava uma voz apática. — A duração do estágio de pupa depende da complexidade do organismo final.

Vik olhou para as larvas e se assustou. Elas tinham voltado os corpos longos e serrilhados na direção dele. Suas mandíbulas estalavam. As patas esguias arranhavam o assoalho. Vik sentiu sua pele eriçando-se com arrepios.

— Achei que elas fossem só umas lesmas grandes, tá ligado? — disse Serj. — Elas são perigosas.

— Ainda não se transformaram. E acho que não vão. — Vik desviou o olhar dos alienígenas.

Serj virou o console em direção às larvas e reproduziu os vídeos com as transformações. — Bom... talvez elas só precisem ver. Elas ainda não sabem como fazer.

— Para com isso. — Vik chutou a perna do amigo. — Você quer que elas se transformem?

Serj deu de ombros. — Parece um desperdício. Sei lá... elas podem ser mais que isso aí.

— Ah, sim. E aí elas nos comem.

— Talvez... — disse Serj, arrastando as palavras lenta e sonhadoramente. Ele se recostou mais uma vez na cerca da jaula e recomeçou a assistir os vídeos das larvas se transformando, voltando várias vezes para assistir novamente.

— Podem comer, pessoal. — Serj esvaziou dois pacotes de ração diante dos zergs. Tentáculos vermelho-escuros saíram por entre as mandíbulas das larvas. Elas cutucaram o mingau por alguns instantes, mas não comeram.

— Desperdício de comida boa — resmungou Vik.

— Ora, não é tão ruim... — disse Serj aos zergs.

Clique. Vik se encolheu ao ouvir aquele som. Jace e dois companheiros mercenários estavam perto da jaula, tirando fotos dos alienígenas com seus aparelhos.

— Mas que beleza. Belezinha mesmo. — Jace sorriu.

Vik os ignorou como de costume. Uma hora eles ficariam entediados e iriam embora. Só queriam um lembrete de que não eram o nível mais baixo daquele ecossistema.

Metal rangeu quando Jace abriu a porta da jaula e entrou. Ele se ajoelhou e estendeu a mão enorme na direção dos zergs. — Toda essa conversa da UNN sobre como eles são terríveis...

Serj deu um tapa no braço de Jace. Vik se voltou lentamente, gritando por dentro. *Idiota.* O que tinha dado nele?

— Eles iam te rasgar todinho se estivessem na forma final — disse o verme maior. — Eles se transformam em outros zergs.

— Ih, temos um cientista no grupo... — Um dos mercenários riu.

Jace não estava sorrindo. Ele se levantou, encarando Serj. — Cacete, cê me bateu?

Em vez de recuar como devia, Serj imitou a postura ameaçadora do mercenário. — Não me lembro de ter ouvido o Ivan mandando vocês virem aqui.

Os dois homens se encararam por um bom tempo, vendo quem recuaria primeiro.

— Acho que falei que não é pra ninguém tocar nos zergs! — A voz de Ivan ecoou pela sala. O chefe de Vik marchou até a jaula e os mercenários se afastaram amedrontados.

— A gente só queria dar uma olhada, chefe. — Jace passou a mão pela cicatriz. — Não é todo dia que a gente vê um zerg.

— Vocês já viram o bastante.

Os mercenários saíram sem protestar. Quando saíram, Ivan disse: — Status.

— Logo — respondeu Serj.

— "Logo"?

— Logo, *chefe* — Vik corrigiu o amigo.

Ivan deu um tapa no verme menor. Dor se espalhou pelo canto da sua boca. No entanto, o chefe não tirou os olhos de Serj, encarando-o sério. Vik viu os músculos do amigo tensionarem, mas depois de um instante relaxou os ombros.

— Logo, *chefe* — disse ele, finalmente.

— "Logo" foi ontem. Vinte e quatro horas. — Ivan partiu antes que os vermes pudessem responder.

— Cê tá bem? — Serj pôs a mão no ombro de Vik.

— Não graças a você. — Ele lambeu a ferida do lábio. — Por que cê fez aquilo?

— Só... tava cansado de aturar esses merdas.

— Eu também. É por isso que não dou motivo pra eles se engraçarem — disse Vik. Nenhum dos dois jamais enfrentara um dos mercenários. Sempre tinham se mostrado dóceis; era pura sobrevivência. Misturar-se. Esconder-se a olhos vistos. Obedecer. Aquelas eram as *regras*.

— Eu sei. Mas quando eu olho pra essas coisas... — Serj apontou para as larvas. — Elas não se parecem com nada, sabe, mas com esse DNA, elas podem virar qualquer coisa. Isso me fez pensar... Bom, deixa pra lá.

Serj se encostou na cerca e continuou a observar o console. O humor de Vik melhorou quando voltou a trabalhar. Depois de mais algumas horas de trabalho, terminou de remendar os buracos de bala e fraturas com novoço. As coisas pareciam estar melhorando. Mas, no porto, aquilo geralmente significava alguma coisa esperando na próxima esquina para derrubar você de novo.

Vik ligou a caixa, mas só houve silêncio. Praguejando, ele inspecionou o contêiner novamente e encontrou um pequeno buraco na bateria que não vira antes. Um fragmento de uma bala de P220 passara bem pelo meio da peça. Seria possível consertar o núcleo, mas levaria pelo menos uma semana. O verme vasculhou a oficina e obteve três baterias ultrapassadas, imaginando poder ligá-las ao contêiner. Seria um trabalho perigoso. Um erro e as baterias mandariam suas mãos pelos ares. Mas ainda seria melhor que estourar o prazo dado por Ivan.

— Vik... — murmurou Serj mais tarde. — Quanto tempo você acha que ainda vai levar?

— Doze horas. — Vik retirou o microsoldador de perto das baterias. Limpou suor e sujeira da testa. — Bastante tempo até a entrega.

— Acho que não temos tanto tempo. — O verme girou o console remoto na direção de Vik. Terreno viscoso e púrpura apareceu na tela. Larvas rastejavam pelo terreno feito nerratos em carniça.

— *As larvas dependem da gosma para sua sobrevivência. A gosma é a biomassa que alimenta as colmeias dos zergs. Ao ser separada da gosma, o tempo de vida de uma larva diminui drasticamente. O tempo de sobrevivência pode ir de horas a dias.*

— "Horas" — disse Serj. — Por isso o comprador queria elas na caixa.

Vik tremeu ao lembrar-se do cão de Ivan lambendo o sangue do chão e mastigando a carne de Hutchins. Sem dizer palavra, ele se inclinou sobre a caixa e encostou o microsoldador nas baterias. Concentrou-se na tarefa e o mundo ao redor se dissipou. Continuou a trabalhar a noite toda, com os olhos injetados e instigado pelo terror. Era o melhor trabalho que já fizera em toda a sua vida. Na tarde do dia seguinte, já tinha terminado, sem explodir as mãos. Ligou a caixa. Todas as luzes verdes. *Pronta pra entrega.*

— Conseguimos, Serj. Bom, *eu* consegui — brincou Vik. Outro trabalho terminado. Outro desastre evitado. Outro dia sobrevivendo. Ele deu soquinhos no ar e se voltou para as larvas. Serj estava inclinado sobre uma delas.

— Morta — disse seu amigo, num tom sem expressão. — As patinhas não tão se mexendo mais.

— Ele vai notar. — O microsoldador tremia nas mãos de Vik. — *Ele vai notar.*

Eles enfiaram as larvas na caixa, deixando a que tinha morrido do lado esquerdo. As telas que indicavam os sinais vitais no topo do contêiner eram bem simples. Cada uma mostrava uma luz verde ou vermelha, indicando se o espécime a ela conectado estava vivo ou morto. Eram fáceis de mudar. Mas a questão era: será que Ivan acreditaria? O chefe de Vik era bastante cuidadoso com o produto.

— Esquece. — Serj andava de um lado para o outro na jaula. — Não importa.

— Esquece? — Vik deu os toques finais na tela acima da larva morta. A luz passou de vermelho para verde. — Nós temos duas opções: ou contamos, ou enganamos ele. Eu não recomendo a primeira opção.

— Ou então nós ficamos com elas. Nós mesmos podemos vender esses bichos. — Serj agachou-se ao lado do outro verme e falou baixinho: — Pensa só. A gente sempre fala de fugir daqui, não é? A hora é essa. Essas larvas valem uma fortuna. Se não valessem, por que o comprador viria até esse lixão pra buscar os bichos? Se ele realmente for um rato de laboratório do governo, então só faria negócio com gente feito o Ivan se estivesse desesperado.

— Elas são propriedade do Ivan.

— Que ele *roubou*. É tanto nossa quanto dele.

— O que você tem? Um dia você está bem, no dia seguinte está todo...

Serj riu fria e melancolicamente. — Está todo o quê? Não estou mais agindo feito cachorro? Não estou me acovardando sempre que escuto os passos de Ivan atrás de mim? Toda manhã nós fazemos nosso ritual para lembrar que não somos animais. Então a gente vem pra cá e somos tratados feito bicho. Eu cansei... só... cansei...

— A gente não chama atenção. Esperamos e economizamos créditos. É assim que trabalhamos. Foi o que você me ensinou.

— Nós já estamos trabalhando há anos e não conseguimos nada com isso. Nada. Se nós...

— Vermes! — gritou Ivan. Eles se voltaram para o chefe quando ele se aproximou da jaula. — Status.

— Acabei de acabar, chefe — disse Vik. Talvez pela primeira vez na vida, ele se sentiu aliviado ao ver Ivan. Esperava que a presença do chefe fizesse Serj voltar a si. — Os zergs estão lá dentro. Bem trancados.

Ivan abriu a caixa e olhou para as três larvas, sobre as quais já se formava uma camada de gelo. Vivas ou mortas, eram idênticas. As três telas no topo da caixa brilhavam em verde.

Vik prendeu a respiração até o chefe fazer sinal com a cabeça. — Bom. Vocês já terminaram aqui, então.

O verme esperou até Ivan estar bem longe e disse: — Vamos. E chega de ideias malucas.

— Não. — Serj não cedeu. — Maluquice é viver desse jeito. Nós podemos fazer qualquer coisa... ser qualquer coisa... mas aceitamos ser tratados desse jeito. As coisas já estão assim há muito tempo. E então, você vai me ajudar ou não?

— Eu... É perigoso demais, cara. É...

Serj segurou o cordão com as asas de piloto que estava no macacão de Vik, puxou com força e partiu a borracha. — Por que você usa isso se acha tranquilo passar o resto da vida como um dos cachorros do Ivan? Você vai trabalhar, trabalhar e morrer. Ninguém vai dar a mínima. Você nasceu verme do porto e vai morrer verme do porto.

Chega. Ele não aguentava mais. A emoção dominou Vik e ele atacou Serj. O amigo o agarrou pelo colarinho e o arremessou contra a cerca aramada.

— Vai. Corre pra casa. — Serj guardou as asas no próprio bolso. — Espera o Ivan chamar, feito um cachorro bonzinho.

Foi o que Vik fez, sentindo a raiva crescer a cada passo. Serj... o que acontecera com ele? Se ele queria se matar, tudo bem. Como ele esperava tirar os zergs da oficina? Onde encontraria um comprador?

Quando Vik chegou ao levitraz, seus olhos ardiam. Ele entrou, ficando onde ninguém poderia vê-lo, antes que o choro viesse pra valer. Chorar só o deixou mais zangado. Com uma chave de fenda, atacou o console velho do levitraz, onde ele e Serj costumavam passar horas brincando de pilotos, sonhando que sobrevoavam algum planeta-floresta exótico e falando sobre seus planos de abandonar o porto.

Depois de esmagar o console, estilhaçou a nacele empoeirada e se encolheu no assento gasto do piloto. Apertou a espuma velha entre os dedos lívidos e enterrou o rosto no tecido mofado. O pior é que ele sabia que Serj estava certo. Vik correria para casa feito um cachorro espancado, fugindo ao primeiro sinal de perigo para salvar a própria pele. *Nasceu verme do porto e vai morrer verme do porto.*

Não vá. Ignore. Espere passar.

Era noite. O transponder de Ivan tocava no pulso de Vik.

Não vá.

Mas ele foi.

Vik entrou na oficina de desmanche esperando ver o cadáver esfolado de Serj pendurado nas correntes, mas nada parecia fora do comum. Alguns mercenários empilhavam caixotes no centro da oficina. Jace assistia à programação da UNN numa tela. Os outros estavam sentados à mesa, jogando cartas, fumando charutos e bebendo dose após dose de Scotty Bolger's Old No. 8.

Todos se viraram e olharam para Vik quando ele entrou nas instalações. Geralmente não olhavam.

Ivan apareceu e conduziu Vik silenciosamente para uma sala nos fundos. Apenas duas das luzes do teto estavam acesas, tornando a visão dificultosa. Mas Vik conseguiu discernir a caixa refrigeradora, no mesmo lugar em que ele a deixara.

Talvez Serj tivesse decidido esquecer o plano imbecil. Talvez tivesse ficado esperto e voltado para os becos para dormir e esperar passar os sonhos suicidas que pareciam ter se apoderado dele. Ou talvez ele tivesse sido apanhado e morto.

— Esses zergs custam bem caro; você sabia disso? — perguntou Ivan.

Vik decidiu ser cuidadoso, temendo tratar-se de outro dos joguinhos de Ivan. — Foi o que eu pensei, chefe.

Ivan meteu a mão no bolso e puxou um punhado de créditos. Eles tilintaram quando ele os sopesou na mão. — Os rapazes vão levar uma boa comissão. Acho que você devia ganhar alguma coisa também.

Vik ficou sem palavras. Seu olhar faminto fixou-se nas moedas, e ele sentiu alívio. *Serj... idiota. A gente não chama atenção. Esperamos e economizamos créditos. São as regras.*

— Lealdade sempre é recompensada — disse Ivan, passando o braço sobre o ombro de Vik e voltando-se na direção da jaula maior.

— Está vendo eles? — O chefe indicou os cães com o queixo. Tinham parado de latir. Sempre paravam quando Ivan estava por perto. O verme apertou os olhos tentando discernir as trevas cambiantes dentro da jaula.

— Sempre me perguntam por que eu mantenho os cães. Acham que eu sou amigo dos animais. Não é o caso. É porque eles são leais. Isso é tudo. É isso que nos separa de bestas feito os zergs.

Vik ouviu os cães andando; suas patas produziam um som como se pisassem em algo grudento e úmido.

— Se tem uma coisa que eu não tolero, é desobediência. Você sabe disso.

Ivan abriu a porta da jaula e empurrou Vik para dentro. O verme deu alguns passos hesitantes enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão. Os canazes estavam brilhando.. não... estavam reluzindo, pois estavam molhados. Como tudo o mais na jaula.

— Noite passada o outro verme tentou roubar os zergs. Minha mercadoria. Ele não foi muito longe. Disse que estava trabalhando sozinho e que você não sabia o que ele estava planejando.

Sangue. Recobrimo o chão. Recobrimo os cães. Um dos cães roía um osso enorme. Humano. Vik recuou enquanto seu cérebro processava a cena terrível, mas Ivan o pegou pelo colarinho e o atirou ao chão. Os joelhos do verme bateram no soalho e suas mãos escorregaram para diante; o sangue banhou seus dedos.

E ali, bem à frente dele, no topo de uma pilha de entranhas e tecido rasgado, estavam as asas de piloto, roídas.

— Você não sabia, não é? — continuou Ivan.

— Eu sou leal, chefe! Eu sou leal! — gritou Vik.

— Talvez. Mas não posso recompensar ninguém direito se não souber de todos os fatos, não é? — Ivan guardou os créditos no bolso. Ele se agachou e sussurrou no ouvido de Vik, com um hálito que fedia a fumaça e uísque: — Da próxima vez que você souber de alguém tramando contra mim... *é pra me falar.*

Ivan o empurrou uma última vez, fazendo o verme cair de cara no sangue que recobria o chão.

— Limpe a jaula antes de sair. Eu chamo você quando chegar carregamento. — A porta da jaula se fechou atrás de Vik. O clangor metálico das botas do chefe ecoou lentamente na distância.

O verme apertou as asas na mão e fechou os olhos para isolar-se de tudo, mas o sangue esperava por ele nas trevas. Grandes ondas rubras rebentavam em seu cérebro, imagens borradas gravadas em seu

córtex visual e reanimadas pelo medo. Ele forcejou cegamente para sair da jaula, e suas mãos e pernas escorregavam no assoalho vermelho úmido. Ar morno e metálico se agarrava à sua língua. Ele vomitou, trêmulo. Bateu a cabeça contra a cerca até suas mãos encontrarem a porta, e então se arrojou da jaula para fora. O verme ficou encolhido no chão, o peito arfando de exaustão. Mas o terror desaparecera. Todas as sensações tinham desaparecido, como se ele tivesse se desconectado do mundo exterior numa tentativa débil de evitar as ondas de choque do trauma. Vik encarou o teto e seu corpo pareceu anestesiado.

Lentamente, bem no fundo, em um lugar além do alcance da consciência, uma fissura se abriu no verme. Vik — o sonhador, o amigo, o terrano — afundou nas poças de sangue que ainda assombravam sua mente. Tudo o que restou foi a fera que ele lutara por suprimir por todos aqueles anos, sempre atenta atrás de seus olhos, governada por links neuronais primevos e sombrios, nos quais a autoconsciência jamais pousara os pés. O ritual foi esquecido. A sobrevivência passiva perdeu seu encanto. O verme sentiu sede de algo mais.

Ele sentiu dor na palma da mão. O verme viu as asas de piloto mastigadas e um fio de sangue fresco no ponto em que elas tinham perfurado sua pele. Viu a linha rubra descer pelos vincos de sua mão, os dados de uma espécie inteira codificados em hélices duplas no líquido rubro.

Era o mesmo sangue em Ivan e todos os outros durões de que ele já ouvira falar. Eles só tinham aprendido a usá-lo de maneiras diferentes. As larvas não eram diferentes, pensou Vik, enquanto encarava por sobre o ombro a caixa refrigerada. Elas tinham potencial para mudanças ainda maiores. Todo aquele poder sob as carapaças duras... todas aquelas possibilidades. Aquilo devia ter sido a gota d'água para Serj: uma ideia de transformação tão radical que virara sua cabeça. Chega de "Nasceu verme do porto e vai morrer verme do porto".

Mas as larvas não tinham a chave de sua mudança. Não tinham o que Vik tinha, o que Ivan lhe dera.

O verme chupou a ferida, saboreando a doçura. Ao longe, ele ouviu os sons de risadas do centro da oficina, o tilintar de fichas de pôquer celebrando o pagamento que estava por vir. Vik olhou para as peças sobressalentes, os veículos enferrujados e os caixotes no aposento como se fosse a primeira vez, vendo-os com os olhos de uma criatura nascida de um fosso de metal retorcido. Outrora, ele vira aquilo como uma prisão, mas agora era o seu playground, cheio das ferramentas do seu ofício. Sua selva de novoço.

Às 09:00 Ivan e sua equipe entraram na sala dos fundos. Vik os observava das arquitraves no teto.

— Dia de pagamento! — gritou Jace.

— O comprador chega em meia hora, rapaziada — anunciou Ivan, aproximando-se da jaula dos cães com os outros mercenários. — Nós carregamos a caixa e saímos todos juntos. Fazemos a entrega, daí voltamos e repartimos os lucros. O negócio de sempre. Vamos fazer tudo rápido e limpo, e...

— Chefe! — Jace parou perto de uma das jaulas. O contêiner estava lá dentro com a tampa aberta. Perto dele, um buraco gigante aberto no arame, como se algo tivesse passado rasgando por ali.

— Os zergs. Eles abriram a caixa! — gritou outro mercenário.

— Eles não sabem abrir caixas — grunhiu Ivan. — Jace?

— Eu fiz a ronda como o senhor mandou, chefe — respondeu o homenzarrão. — Ninguém passou por mim com os zergs.

Vik vira Jace entrar e sair repetidas vezes durante a noite. O verme trabalhara a noite toda, escondendo-se nas sombras sempre que o mercenário vinha inspecionar a sala.

Os olhos de Ivan varreram o recinto. — Então eles estão aqui. Esvaziem todos os caixotes!

Os trabalhadores precipitaram-se pela sala estreita, presos à incerteza inquietante. Os canazes uivavam mais alto que o normal. Saliva espumava em suas bocas. Eles farejavam o medo.

— Aqui tem um, chefe! — Jace enfiou a mão carnuda no topo de uma pilha de contêineres. A carapaça serrilhada de uma larva assomou por sobre a beirada dos caixotes, onde Vik a tinha escondido. O homenzarrão escalou a pilha e arrancou o alienígena de onde estava. A criatura estava enrolada em uma bola; seu corpo tinha sido colado com cola industrial. O verme estava feliz por ter achado uma utilidade para a larva morta.

— Deve ter rastejado lá pra cima. — Jace revirou o alienígena nos braços. — Está todo enrolado.

— Então desenrole e guarde na caixa! — ordenou Ivan. — Encontre os outros.

— Anda, coisa feia. — Jace segurou as extremidades da larva com as mãos enormes. — Isso não vai te ajudar em nada...

Vik colocou os termóculos e os ajustou para enfraquecer padrões de luz e calor. *Hora do show.*

Jace puxou, desdobrando a larva e ativando as granadas de fragmentação coladas na barriga da criatura. A explosão arremessou as pernas do mercenário em direções opostas e reduziu o resto do seu corpo a uma chuva de pedaços de maquinário biomecânico.

Vik pegou um painel de controle improvisado que plugara às linhas elétricas da instalação e ligou uma série de interruptores. O primeiro sobrecarregou a fonte de força da oficina, queimando as luzes do teto. Os geradores de emergência se ativaram, banhando a sala em luz vermelha.

O segundo interruptor detonou remotamente uma dúzia de granadas que o verme espalhara pelos contêineres empilhados na parede oposta. Bolas de fogo irromperam pela sala. Um trovão sacudiu as paredes. Estilhaços derretidos se espalharam em todas as direções, eliminando um terço dos capangas de Ivan.

— *ZERGS!* — gritou alguém.

Os mercenários se espalharam e procuraram abrigo. *Pop! Pop! Pop!* — Todo o grupo descarregou as armas — pistolas, escopetas e rifles — nas sombras com louco abandono.

Vik ligou o último interruptor. Cargas térmicas se incendiaram pelo exterior da jaula que continha os cães. A estrutura da cerca reduziu-se a uma pilha de metal incandescente. Os animais aterrorizados pularam para fora da cerca, atacando quem se postasse entre eles e a segurança. O caos era absoluto.

O verme desceu escorregando por uma escada de manutenção e entrou em uma baia de veículos vazia, onde escondera as duas larvas remanescentes em um transporte flutuante. Empurrando o transporte, passou pela carnificina, os termóculos concedendo-lhe visão especial.

O verme correu por um lado da sala, posicionando o carrinho entre ele e os mercenários e cães frenéticos. Uma salva de balas perdidas bateu nas carapaças das larvas, ricocheteando de volta na confusão.

E então Vik saiu, largando os termóculos e empurrando o carrinho pelo Porto do Enforcado. Foi direto em direção ao estaleiro. Lembrando-se de sua fuga, o verme percebeu que Ivan desaparecera durante a luta. Ele se xingou por não ter notado mais cedo. A ausência do chefe com certeza era um aviso.

O motor de um transporte rugiu atrás dele. Grandes pneus morderam a areia. Vik olhou por cima do ombro e viu o chefe dirigindo o monstrengo metálico de quatro rodas em sua direção. O verme correu para as ruelas familiares do seu lar. Algumas voltas depois, perdeu o transporte de vista, mas ouvia o rugir do motor pelos becos. Era impossível situá-lo.

Vermes punham a cabeça de fora de seus lares improvisados feitos de restos de naves, averiguando a confusão. Vik os ignorou e rilhou os dentes ao empurrar o carrinho pela rua. Ele se dirigia ao outro lado quando o transporte de Ivan apareceu derrapando pela outra esquina.

Aconteceu tão rápido que Vik só teve tempo de recuar; o veículo bateu no carrinho. O impacto rasgou uma das larvas em pedaços e arremessou a outra, junto com o verme, voando. Vik cambaleou pelo chão, ferido e machucado, mas vivo.

A comoção atraiu mais vermes. Eles pularam e correram pela teia de ruas entrecruzadas. Rastejaram e subiram em cascos velhos de naves e em grandes ninhos de novoço retorcido. Dezenas de olhos ferozes em rostos sujos de fuligem observavam a rua. Não saíram para intervir. Saíram para observar. Lutas significavam morte, e mortes significavam espólios.

Ivan saiu do transporte, portando uma furatriz. Ele pegou um pedaço da larva morta, examinou-a por alguns segundos e arremessou-a na rua, gritando. Foi a maior demonstração de emoção que Vik já vira em seu chefe. O verme sentiu uma satisfação sinistra por ter esfacelado a máscara do chefão.

— Então você não entendeu nada da nossa conversa de ontem? — perguntou Ivan. — Você não passa de escória, escória até os ossos! Um animal feito o resto desses parasitas! — gritou ele, indicando os outros vermes com a arma.

A menos de um metro de Vik, a larva viva escavou a estrada de terra com as patas. O verme puxou o alienígena para junto de si, usando-o como escudo, e então se levantou com esforço.

Ivan adiantou-se com passadas largas e apontou a furatriz para o verme, mas afastou a arma ao se aproximar. — Não. Eu vou arrebentar a sua cabeça que nem eu fiz com o outro verme. Ele chorou, sabia disso? Choramingou feito cachorrinho. Não teve nem coragem pra morrer feito homem.

Sua risadinha tornou-se uma tosse áspera, seguida por um esguicho de sangue que escorreu pela boca. O coração de Vik bateu mais rápido ao notar aquilo. Ele observou o inimigo e percebeu uma discreta mancha rubra em seu estômago, parcialmente encoberta pela jaqueta negra. *Bala perdida no tiroteio...*

As glândulas suprarrenais encharcaram o fluxo sanguíneo de Vik com uma nova onda de epinefrina. Ele se concentrou no animal ferido que entrava em seu território e sua visão aguçou-se. Seu sangue uivou e, de repente, sentiu-se invencível. Não era um verme. Era a expressão mais pura da sobrevivência, portador de um código genético refinado e afiado pela seleção natural ao longo da existência terrana.

— Que isso sirva de lembrete — Ivan agarrou Vik pelo macacão enquanto falava aos outros vermes. — Meu produto, meu...

Vik afundou os dentes na mão de Ivan, arrancando uma tira de carne. E avançou, erguendo a larva e girando-a. O chefe ainda conseguiu disparar quando a carapaça espinhenta do zerg rasgou seu traje e sua carne, chegando até o osso.

E então Vik prendeu Ivan ao chão, batendo com a larva no chefe repetidas vezes. A carapaça descia com estalos agudos, partindo o osso. Seu sangue pedia por mais, e ele satisfez seus desejos até que o chefe não passasse de uma mancha rubra no chão, feito um bicho atropelado. O verme se ergueu, segurando a larva no alto. Sangue recobria seu corpo como uma nova pele, um símbolo de superioridade que era mais eloquente aos seus pares que qualquer ameaça, título ou crédito.

A maioria dos observadores se manteve a distância. Alguns até se agacharam, numa aproximação animalasca de uma mesura. Mas um deles se adiantou velozmente, buscando a arma caída de Ivan, impedido pelo desejo de derrotar o novo campeão e reivindicar sua conquista.

Um grito inumano partiu de Vik quando ele chutou o peito do desafiante. O verme gritou de dor e rolou pela poeira. Rastejou lentamente, derrotado, mantendo os olhos no chão. Vik percebeu que todos faziam o mesmo. Nenhum dos vermes teve coragem de encará-lo. Estavam assustados. Eram seus.

— A oficina do Ivan está aberta para negócios! Quem chega primeiro leva primeiro! — gritou ele.

Os vermes celebraram, erguendo os punhos sujos ao alto, e então correram na direção da oficina. Vik até se juntaria a eles, mas tinha uma fortuna nas mãos. As pernas da larva sacudiam erráticas no ar. Ele se perguntou se ela compreendia sua vitória, se ela compreendia o quão longe tinha ido com o comando dele.

Vik freou bruscamente o transporte de Ivan, nos limites da área de pouso empoeirada que fazia as vezes de estaleiro espacial da cidade. Saltou do veículo, vestindo calça e camisa rotos. Tinha tirado o macacão

e enrolado a larva nele para não atrair a atenção das pessoas no estaleiro. A roupa escondia o alienígena completamente, fazendo com que Vik parecesse apenas outro verme carregando alguma tralha inútil.

Ele quase não viu a nave do comprador. O rato de laboratório fora esperto. A nave decrépita e ordinária se mesclava perfeitamente ao lugar. O que entregava o jogo era o homem robusto esperando do lado de fora, de barba feita e macacão negro perfeitamente alinhado. Era o contato de Branamoor; Vik se lembrou de ter ouvido Ivan falar isso. O homem teria sido importunado se não fosse pelos guardas armados por perto — mercenários, ao que parecia.

Vik seguia em direção à nave quando uma onda de cansaço o dominou. As feridas e arranhões que sofrera nas últimas vinte e quatro horas começaram a doer novamente. A larva subitamente parecia pesar mil quilos em seus braços enfraquecidos. Enquanto ajeitava o zerg em seus braços, as asas de piloto escorregaram das dobras do macacão. O verme olhou para elas por um instante, sem reconhecê-las de imediato.

Mas alguma coisa em seu íntimo as reconheceu. A névoa primeva que envolvia sua mente se dissipou. Fragmentos de seu antigo eu, presos em seu subconsciente, se agitaram. Ele se esforçou por reprimi-los, partes fracas e desnecessárias que eram inimigas da sobrevivência.

Ele ouviu a voz de Serj dizendo: *"Nós não somos como eles: é isso que importa. Nós não somos animais"*.

— Cala a boca... — grunhiu Vik. Ele pisou nas asas para silenciar o interlocutor indesejado. Em seu íntimo, sua outra metade abriu caminho até a superfície do pensamento, armada com lembranças, responsabilidades e culpa.

"Quando a gente finalmente sair desse buraco, a gente vai se misturar às pessoas. Vamos ser terranos."

Vik cambaleou. Imagens do dia anterior o atingiram como um trem maglev: o corpo de Jace sendo esfaqueado, os canazes rasgando as gargantas de mercenários aterrorizados e os restos de Ivan espalhados pela rua. Sequer vira aquilo acontecendo, na hora. Não tinha sido *ele*; tinha sido outra pessoa. Outra coisa.

— Vik — disse o verme, e se ajoelhou. — Eu sou Vik.

O contato do comprador olhou para ele com desprezo, sem saber do tesouro escondido sob o macacão sujo de sangue. Os olhos do homem, frios e calculistas, fizeram Vik pensar em Ivan. O verme abraçou a larva de maneira protetora, pensando em vultos sem sentimentos vestidos em jalecos brancos, cutucando e perfurando o alienígena com dispositivos estranhos. A liberdade estava a alguns metros à frente, e tudo o que custaria seria a vida de outra criatura, um alienígena, e sem mente, ainda por cima. Só mais um sacrifício para terminar a trilha construída com sangue...

— Nós dois esquecemos... — Vik apanhou as asas do chão e voltou as costas ao contato de Branamoor.
— Nós dois estragamos tudo. Eu devia ter ficado... ter convencido você a desistir. Dava pra gente encontrar outra saída.

Ele desabou nos limites do estaleiro, sentindo o corpo mole de cansaço. Durante horas, ficou ali sentado, observando as naves chegando e partindo. Por fim, a nave do rato de laboratório partiu sem a mercadoria.

A larva morreu àquela noite. Suas petinhas pararam de se mover, e o corpo ficou rígido. Vik cavou um buraco no chão e depôs o alienígena lá dentro. Ficou sobre a sepultura, pensando em todos os vídeos da UNN sobre os zergs que já vira. Qualquer terrano teria chamado a larva de monstro, mas não o verme. O bichinho não se tornara um monstro. Zergs trocavam de pele ao se tornarem máquinas de matar, mas a espécie de Vik não mudava quando isso acontecia. Eles escondiam a fera atrás de máscaras de normalidade cuidadosamente mantidas. Talvez aquilo tornasse sua espécie mais perigosa que um milhão de alienígenas sedentos de sangue disparando na direção de uma colônia. Pelo menos, com os zergs, dava para prever.

Enquanto Vik arremessava terra na cova, um nó se formou em sua garganta. Percebeu que, em seu acesso de terror e frieza emocional, não sentira nada pela morte de Serj. Mas olhar para a larva semienterrada agitou aqueles sentimentos adormecidos. Era a primeira vez na vida em que via uma criatura morta, e ele se sentiu verdadeiramente triste... a primeira vez em que soube o que era se sentir como uma pessoa de verdade.

Na manhã seguinte, Vik trocou o transporte de Ivan com um grupo de contrabandistas por espaço no compartimento de carga da nave deles. Não perguntou para onde iam. À exceção da roupa que vestia e das asas de Serj no bolso, deixou todo o resto para trás. Foi somente Vik quem subiu pela rampa da nave. O sonhador. O amigo. O terrano.